

*Vertentes e Interfaces I: Estudos Literários e Comparados***QUANDO A GENIALIDADE FRACASSA: UMA TENTATIVA DE  
APROXIMAÇÃO ENTRE AS PERSONAGENS LÖNNROT E HOLMES,  
DE JORGE LUÍS BORGES E ARTHUR CONAN DOYLE***Cristina Gonçalves Ferreira de Souza\**

**RESUMO:** Neste ensaio, investigo a relação entre de Jorge Luís Borges e de Arthur Conan Doyle a partir das personagens Erik Lönnrot e Sherlock Holmes dos contos “A morte e a bússola” e “A face amarela”. Esses textos se destacam porque falhas cometidas pelos protagonistas produziram desfechos que fogem ao tradicional nas narrativas policiais. Iniciamos falando do romance policial e apresentando cada autor, em seguida analisamos os contos selecionados, para, por fim, analisar pontos de aproximação/distanciamento entre os textos e entre as obras dos autores. Concluímos que Doyle mantém a tradição e que Borges recupera a narrativa policial tradicional e a transcende, como uma forma de homenagem e valorização do gênero.

**PALAVRAS-CHAVE:** Borges; Doyle; Narrativa; Policial

**Introdução**

O gênero romance policial sempre foi, desde sua criação por Edgar Alan Poe, no século XIX, objeto de polêmica. Seria este um gênero “menor” por se moldar ao gosto do leitor? Apesar dos preconceitos acadêmicos enfrentados ao longo dos anos, o romance policial desenvolveu-se e encontra, ainda hoje, bastante receptividade entre o público leitor. Esse gênero tem sido visto, nos últimos tempos, com menos reservas também pelo público letrado graças à abordagem heterodoxa feita por Jorge Luís Borges. Escritor mundialmente conhecido por sua literatura ficcional, Borges dedicou-se ao estudo do romance policial e escreveu alguns textos teóricos e ficcionais nos quais coloca sua arte a serviço do gênero, exaltando-o nos meios literários.

O interesse em conhecer mais profundamente a obra de Borges e em entender como o autor se relaciona com o romance policial levou-me a cursar a disciplina A narrativa policial segundo Jorge Luís Borges ofertada no Programa de Pós-graduação em Estudos Literários da Faculdade de Letras da UFMG no ano de 2020. Os materiais estudados me levaram a

---

\* Mestre em Estudos Literários pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Doutoranda em Estudos Literários pela mesma Instituição.

compreender a importância da abordagem do escritor argentino para a valorização do gênero.

Como leitora de textos policiais (Conan Doyle e Agatha Christie) desde a adolescência e, até então, pouco conhecedora da obra de Borges, surpreendeu-me a existência de uma ligação entre estes autores por meio do romance policial. Dada minha “formação” nos romances policiais e a pouca intimidade com a obra de Borges, minha leitura dos seus contos escritos no estilo do romance policial foi feita com mais atenção aos aspectos que os aproximavam dos contos clássicos do que aos aspectos próprios da literatura do escritor argentino. Chamou minha atenção, no conto “A morte e a bússola”, a inversão dos papéis dos personagens icônicos do romance policial. No conto, temos um comissário astuto e certo nas suas investigações e um detetive (Erik Lönnrot) que se equivoca mortalmente nas suas investigações. Por outro lado, temos um bandido que não foge, mas cria uma armadilha para o detetive e o prende com sucesso.

Esse fracasso evidente da personagem que deveria ser o modelo de inteligência, astúcia e sagacidade atraiu minha atenção e me levou a pensar em uma personagem ícone do romance policial clássico que é Sherlock Holmes, de Sir Arthur Conan Doyle. Será que o detetive do romance policial clássico nunca falha? Vasculhando meus livros (tenho quase todos do escritor), localizei alguns contos nos quais Watson relata o insucesso do amigo detetive. Durante a releitura de alguns textos, indaguei os motivos das falhas de Sherlock Holmes, pensando se esses motivos seriam os mesmos que levaram Erik Lönnrot a cair numa armadilha mortal. Dentre os textos lidos, me chamou a atenção o intitulado “A face amarela”, no qual o Sherlock Holmes comete uma falha cômica e aprende uma lição.

A falha é, portanto, o ponto de interseção entre os dois textos a partir do qual pretendo tecer minhas reflexões sobre as duas personagens, Sherlock Holmes e Erik Lönnrot, a fim de aproximar a obra dos dois escritores, Borges e Conan Doyle. Para desenvolver esta reflexão, apoio-me em alguns textos teóricos pesquisados sobre o romance policial e sobre a obra de cada escritor e em textos que abordam a presença do romance policial na obra de Jorge Luís Borges. O registro desta reflexão se dará por meio de uma breve introdução sobre o romance policial, de um item dedicado ao escritor Conan Doyle e à personagem Sherlock Holmes, de um segundo item dedicado ao escritor Borges e à personagem Lönnrot, de um terceiro item no qual os contos escolhidos são apresentados, um quarto item no qual as duas personagens são colocadas lado a lado para que ressaltem semelhanças e diferenças, e concluirei com as considerações finais. Trata-se, portanto, de uma abordagem que se pretende simples e bastante introdutória, mas que espera contribuir para a discussão sobre o assunto.

## O romance policial

Segundo Reimão (1983, p.15), o romance policial surgiu no século XIX, na Europa e nos Estados Unidos, a partir de uma conjuntura de fatores: a industrialização, o Positivismo, o aumento da leitura de jornais, o surgimento da polícia e a criação da justiça, o estabelecimento do papel do criminoso como um inimigo social. Essas condições levaram ao surgimento das primeiras narrativas policiais com o norte-americano Edgar Allan Poe, considerado o “pai” do gênero. Para deixar mais claro o processo, cito Reimão (1989):

Angariando o público leitor criado pelo surgimento dos jornais populares; elaborando a narrativa, entre outros, com os elementos articulados nas narrativas de fatos raros destes jornais (curiosidade e desafio do mistério, atração pela desgraça alheia, sensação de justiça que solicita reparos etc.); trabalhando com a nova realidade dos conglomerados urbanos industriais; lidando com a insegurança da população, que logo vem a não confiar na polícia formada por ex-infratores; partilhando com seus contemporâneos o fascínio pelas ideias positivistas e pela nova concepção de homens que ele engendra; assim compartilhando, via de regra, pelo menos no início, a ideia de criminoso como um inimigo social, surgirá a narrativa policial moderna. (REIMÃO, 1989, p. 15)

Segundo a pesquisadora, as narrativas de Poe surgiram em contraponto a uma obra francesa famosa no período: as memórias de Vidocq, um ex-contraventor que se tornou policial. Poe leva para o campo ficcional essas narrativas, tornando-se o criador do gênero literário.

Dupin, o detetive de Poe, não é policial, mas um detetive amador que se utiliza dos métodos positivistas em suas investigações para inferir a respeito das cadeias de pensamentos dos criminosos e demais envolvidos na investigação. Inatingível e infalível, o detetive de Poe é uma máquina de racionar aos moldes do Positivismo. O ambiente destas narrativas é o ambiente industrial das cidades europeias no século XIX e seu público é o mesmo que se regozijava com a leitura de notícias sobre tragédias reais nos periódicos da época.

O texto de Poe é, segundo Reimão (1989, p.22), uma “combinação de ficção com raciocínio e inferências lógicas”, organizado de forma a que conheçamos primeiro o crime e depois as suas razões. Trata-se de uma narrativa sobre algo já acontecido. Para deixar esse aspecto mais claro, cito novamente, Reimão:

Tanto o trabalho de Dupin em relação aos crimes em questão, quanto a narração de suas deduções, são posteriores, acontecem depois do fato consumado, de o crime ter ocorrido. E esta será uma regra básica no romance de enigma. Ou seja, o romance policial de enigma é, na verdade, composto de duas histórias: a do crime e a do inquérito. (REIMÃO, 1989, p. 22)

Na esteira de Poe, consagraram-se Arthur Conan Doyle e Agatha Christie.

O romance policial clássico deu origem, ainda segundo Reimão, a outro tipo famoso de romance: o romance *noir*. Surgido na América, o romance negro ou *noir* tem como principal autor Raymond Chandler. Suas principais características, em relação ao romance clássico, são a presença de um detetive mais humanizado e falível, a utilização de um tempo da narrativa que coincide com o tempo das ações e a presença significativa de violência, sexo e emotividade.

A narrativa é construída no presente, acompanha o correr dos fatos, segue as investigações, inclusive as infrutíferas, e a ordem dos acontecimentos. Ou seja, no romance negro a narrativa se dá ao mesmo tempo que a ação. Não se trata de reconstituir um crime passado e seu desvendamento, mas de atuar lado a lado com o (s) criminoso (s) e tentar adiantar-se a ele (s). (REIMÃO, 1989, p. 60)

Trata-se de um gênero criado em oposição ao romance policial tradicional e em outro contexto social. Por não ser objeto de nossa análise, não aprofundaremos suas características, mas recomendo uma leitura sobre.

### **Sir Arthur Conan Doyle e Sherlock Holmes:**

Sir Arthur Conan Doyle nasceu na cidade escocesa de Edinburgh em 1859 e faleceu em Crowborough em 1930. Foi médico e escritor. Segundo Heineck (2016, p.7),

Sir Arthur Conan Doyle ganhou fama mundial após criar o detetive Sherlock Holmes, um personagem que permanece, atualmente, como um dos mais conhecidos da literatura britânica. Entretanto, Doyle não se restringiu ao papel de criador de Holmes. Foi também médico, desportista, defensor do patriotismo e do imperialismo britânico. Para além dos romances policiais, Doyle foi autor de romances históricos e sociais, ensaios políticos e várias cartas para a família, amigos, imprensa e figuras públicas. E, nos anos finais de sua carreira, Conan Doyle também se dedicou a pesquisar fenômenos sobrenaturais. (HEINECK, 2016, p.7)

Sua paixão pelas ciências e pela literatura foi herdada de sua mãe, que frequentava palestras de ciências no Philosophical Institution de Edinburgh. Em 1876, Doyle ingressou no curso de Medicina na Universidade de Edinburgh, onde conheceu os métodos inovadores de medicina e teve a oportunidade de trabalhar em enfermarias, como a Enfermaria Real. Tendo aprofundado seus estudos em temas como plantas e farmacologia prática, jurisprudência e polícia médica e medicina forense. Temas presentes nos seus textos policiais.

Alguns professores foram tão importantes para sua formação que se tornaram inspiração para seus personagens mais importantes. Segundo Neto (2016), o professor Sir Robert Christison, professor de Matéria Médica e Terapêutica, emprestou qualidades ao arqui-inimigo de Sherlock Holmes, o Professor James Moriarty. O professor Wendell Holmes emprestou o nome ao protagonista e o professor Joseph Bell emprestou-lhe suas características físicas e qualidades intelectuais.

Segundo Heineck (2016, p.11)

(...) Conan Doyle é responsável por introduzir na literatura o personagem detetive que age embasado na ciência e é o bastião da razão, da ciência e da educação, valores tipicamente vitorianos. (HEINECK, 2016, p.11)

Inspirado no detetive Dupin, de Edgar Allan Poe, o detetive Sherlock Holmes, de Doyle, reúne as principais características do detetive dos romances policiais clássicos, tendo mesmo se tornado modelo para o gênero. Assim como Dupin, Holmes é uma máquina de raciocinar. Contudo, em relação ao personagem de Poe, Holmes apresenta certa humanização que o aproxima dos seus leitores e é, segundo Reimão (1983, p.39), o segredo do seu sucesso.

Holmes, além de ser, enquanto detetive, uma máquina dedutiva a elaborar equações, nem por isso abdica de ter personalidade própria. Ao lado de Holmes detetive, é justaposto, agregado, Holmes, o homem. Enquanto homem, Holmes tem hábitos pouco aceitos socialmente quanto à morfina e à cocaína, adora tocar violino enquanto medita, e é uma pessoa que se entendia profundamente com o ócio. Essas características não se relacionam diretamente às atividades de Holmes enquanto detetive, e creio que elas são uma das causas da popularização e grande aceitação desse personagem. Através dessa “humanização”, parece-me que o detetive se torna mais próximo e, portanto, mais assimilável para o leitor. (REIMÃO, 1983, p. 39.)

Suas aventuras, assim como as aventuras de Dupin, são narradas por uma terceira pessoa, que, no caso de Holmes, é seu amigo e companheiro de aventuras Watson.

A máquina de raciocinar chamada Sherlock Holmes é um instrumento precioso e preciso no trabalho de orientação daqueles que correlacionam pistas, buscam indícios etc. A capacidade mental dessa máquina é alvo de admiração tanto de Watson quanto do leitor que a partir de uma atitude inicial cética, vai aos poucos aprendendo a admirar e fascinar-se com as atuações desse incrível detetive. (REIMÃO, 1983, p. 38.)

O ambiente das narrativas de Doyle é a Inglaterra vitoriana. Como na narrativa de Poe, o detetive de Doyle é também um indivíduo inatingível e de qualidades excepcionais. O tempo da narrativa também é posterior aos acontecimentos. Nos métodos de Holmes, vemos, segundo Heineck (2016, p.10), empregados os conhecimentos do escritor da Medicina, da Forênsica, dos estudos de plantas, da Fisiognomonia, da Antropologia Criminal. Essas teorias, afins às ideias positivistas, contribuíam para trazer verossimilhança à obra de Doyle e ampliar a sua aceitação.

A personagem dos romances policiais criada por Doyle atingiu tamanho sucesso que acabou por eclipsar as demais obras do escritor. Levando-o a matá-lo, em 1894 (*Memórias de Sherlock Holmes*), e ressuscitá-lo alguns anos mais tarde, em 1906, (*A volta de Sherlock Holmes*) para atender ao clamor do público.

Conan Doyle estava feliz com a oportunidade de explorar novos temas, mas diz que ficou surpreso pela reação dos leitores: ele recebeu diversas cartas que repudiavam a decisão do autor de matar o personagem; os leitores da revista ficaram tão insatisfeitos que mais de 20 mil assinaturas foram canceladas e a revista só recuperou o seu público quando Holmes reapareceu. A pressão para que Sherlock Holmes retornasse foi tanta, que Doyle tentou se livrar de escrever novas histórias sobre ele subindo o preço de seu [Sic] contos, mas a *Strand Magazine* aceitou sua imposição, o que demonstra a aceitação do público da época pelas histórias. (HEINECK, 2016, p.13)

As aventuras do detetive foram reimpressas de forma ininterrupta ao longo de mais de um século. Sendo a personagem Sherlock Holmes protagonista de um grande número de obras cinematográficas, artísticas e literárias. O endereço fictício de seu escritório em Londres abriga, hoje, um museu em sua homenagem.

### **Jorge Luís Borges e Erik Lönnrot**

Jorge Francisco Isidoro Luís Borges Acevedo nasceu em Buenos Aires na Argentina em 1899 e faleceu em Genebra na Suíça em 1986. Formado em Direito, foi professor de Literatura Inglesa, escritor e diretor da Biblioteca Nacional de Buenos Aires. Realizou os estudos iniciais em sua terra natal e completou os estudos secundários na Suíça, tendo se mudado posteriormente para a Espanha. Na década de 20, retornou à Argentina onde publicou livros de poesia e seus primeiros contos na *Revista Sur*. Tornou-se mundialmente conhecido por seus textos ficcionais e teóricos. Seus livros mais famosos são *Ficções* e *O Aleph*. Ângelo (2007, p. 207) aponta como característica da obra de Borges a presença de elementos filosóficos, teológicos, místicos, simbólicos, metafísicos e históricos.

A pesquisadora destaca a importância de Borges para a literatura mundial e sua preferência por temas marginais:

A obra de Jorge Luís Borges teve influência decisiva na definição do perfil do século XX, especialmente nas questões referentes ao mundo das letras. Escritor consagrado, demonstra inegável preferência pela literatura marginal, pelo texto fora das tradições canônicas. (ANGELO, 2007, p. 207)

O interesse pela literatura marginal e sua formação justificariam o seu interesse pela narrativa policial clássica de tradição inglesa. Cito Ângelo (2007) novamente:

Um gênero considerado “menor” a que Borges se dedica durante grande parte de sua vida literária é a narrativa policial, que se faz presente na sua formação desde a infância e atravessa sua maturidade literária como centro contínuo de interesse. Esse interesse deve-se, em parte, à influência exercida sobre ele pela literatura de língua inglesa, berço da narrativa policial. (ANGELO, 2007, p.209)

A escolha por ressaltar a literatura marginalizada do cânone inglês seria uma forma de subverter a tradição inglesa e reescrevê-la a partir do olhar sul-americano.

Borges ultraísta afirma que “o marginal é o mais belo”, já em 1921. Essa estranha preferência de Borges pela literatura marginal inicia na juventude não só nos seus próprios textos, mas também se acha presente na seleção de seus autores preferidos, como Stevenson, De Quincey, Chesterton. Para Balderston, a excêntrica avaliação de Borges de que, por exemplo, Robert Louis Stevenson é uma das figuras mais amáveis da literatura inglesa constitui uma “traição” ao chamado corpo canônico da língua inglesa. (ANGELO, 2007, P. 208)

Borges dedica-se mais intensamente ao romance policial entre as décadas de 30 e 50, tendo produzido uma série de artigos e ensaios sobre o tema. A partir dos quais se pode delinear uma estética para o gênero literário. Segundo Borges, no ensaio Os Labirintos Policiais e Chesterton de 1935, o gênero possui seis requisitos:

- 1) “Un límite discrecional de seis personajes”. Assim, as personagens devem ser poucas.
- 2) “Declaración de todos los términos del problema”. Como um jogo, deve-se oferecer ao leitor todos os elementos necessários à resolução do enigma.
- 3) “Avara economía en los medios”. Ou seja, os enigmas devem ser simples.
- 4) “Primacia del cómo sobre el quién...”. Deve prevalecer a originalidade do argumento; dessa forma, a trama importa mais que as personagens.
- 5) “El pudor de la muerte”. Supressão dos detalhes violentos e desnecessários à trama.
- 6) “Necesidad y maravilla en la solución”. A resolução do enigma deve surgir quase como uma epifania e maravilhar o leitor.” (BORGES *apud* ANGELO, 2007, p.210)

A convivência do universal e do marginal é, segundo estudiosos, uma característica marcante na obra de Borges. A abordagem da narrativa policial em sua obra não foge a esse princípio. De forma que Borges alia a temas clássicos do romance policial temas próprios da sua escrita, subvertendo a tradição. Segundo Ângelo, “Borges subverte o gênero e dilui suas fronteiras, recriando-o.” (ANGELO, 2007, p.215).

Empregando esses princípios, Borges escreveu alguns textos emblemáticos no gênero nos quais utilizou elementos filosóficos e metafísicos, típicos de sua escrita, dando nova dimensão à narrativa. Em 1936, Borges estreia a escrita de textos policiais com o texto El acercamiento a Almotásim. Publicado como conto em *Ficciones*, o texto apresenta um esboço biográfico de um livro fictício no qual narra a história de um jovem de Bombaim que empreende uma longa busca por um homem que acredita ser mal. A história tem um desfecho místico e metafísico no qual se percebe que há um pouco de Almotásim em todos os homens.

O texto policial mais famoso do autor é La muerte y la brújula, publicado na *Revista Sur* em 1942. O conto narra o confronto entre dois inimigos mortais, Erik Lönnrot e Red Scharlach, que culmina com a derrota do detetive. O conto, que abordaremos com mais

detalhes no próximo item, apresenta elementos místicos, simbólicos e metafísicos característicos da escrita borgiana, contudo mantém a estrutura e elementos tradicionais da narrativa policial inglesa. Erik Lönnrot, detetive de Borges, conserva as mesmas características dos detetives de Poe ou de Doyle, é perspicaz, racional, corajoso, metódico. E são justamente estas características que o levam a seguir a armadilha de Scharlach, elaborada a partir de um crime comum ocorrido no início da trama.

Lönnrot é a versão exata do detetive clássico inglês em sua lógica, intrepidez, autoconfiança. Contudo, o resultado da aplicação destas qualidades é contrário ao que se espera numa narrativa policial tradicional. Dessa forma, temos uma desconstrução destas características como qualidades. Segundo AIMEÉ (2013):

O detetive, nesse caso, é o personagem menos perspicaz da trama, o que constitui mais uma ironia em relação aos clichês da narrativa policial. Lönnrot percebe as ambigüidades das pistas (não todas, obviamente), compreendendo se tratar de um crime de natureza quádrupla, e não tríplice, e o entusiasmo resultante da descoberta parece embaçar sua percepção, impedindo-o de descobrir a arquitetura de uma armadilha da qual ele mesmo é alvo. (AIMEÉ, 2013, s.p.)

A narrativa de Borges promove uma desconstrução do gênero a partir da revisão dos papéis dos personagens centrais do romance policial e por meio da inserção do simbólico. Como o próprio autor afirma em “O conto policial”: “Tentei o gênero policial, certa vez. Não me sinto muito orgulhoso do que fiz. Eu o levei para o terreno simbólico, que não sei se agrada” (BORGES, 1999, p. 229).

AIMEÉ (2013) afirma que o texto suscita leituras diferentes de acordo com a intimidade que público leitor tem com a obra do escritor ou com o gênero policial.

O conto joga com dois leitores: o leitor de narrativas policiais e o leitor de Borges. O primeiro, vê-se logo aliciado a perseguir as tais pistas, bem como a duvidar de certas obviedades presentes na trama. Ao leitor de Borges, cabe suspeitar que a trama talvez não seja tão facilmente dedutível e que pode haver algo oculto sob a simplicidade das evidências. (AIMEÉ, 2013, s.p.)

A autora deste ensaio assume-se no primeiro grupo. E talvez por isso, tenha sido tão impactada pelo desfecho surpreendente. Mais do que os leitores do segundo grupo, talvez. Frente à constatação da derrota do detetive e em comparação com as tramas tradicionais do romance policial, surgiram algumas perguntas: Por que ele perdeu? E isso nunca aconteceu antes no gênero? O que diferencia Erik Lönnrot de Sherlock Holmes? O que faz da narrativa de Borges tão especial? Como ela contribui com o gênero?

Nas próximas páginas, analisaremos este conto de Borges e um conto de Doyle que também apresenta a falha como tema para tentar entender um pouco sobre essa relação.

**“A face amarela” e “A morte e a bússola”:**

O conto “A face amarela” foi publicado por Conan Doyle no livro *Memórias de Sherlock Holmes* em 1894. O livro é uma coletânea de doze contos publicados originalmente entre 1892 e 1893 na revista *Strand Magazine*. No conto, Watson rememora um caso em que o detetive não foi bem sucedido em suas investigações e que teve um desfecho surpreendente.

Ao publicar estes pequenos textos baseados nos diversos casos dos quais os talentos singulares de meu companheiro me fizeram ouvinte, e eventualmente participante de algum drama extraordinário, é natural que me detenha antes em seus êxitos do que em seus fracassos. E isso não por consideração à sua reputação – pois, de fato, era quando estava por perder a razão que sua energia e versatilidade eram as mais admiráveis -, mas porque onde ele falhava geralmente ninguém mais tinha êxito, e a história ficava para sempre sem conclusão. De vez em quando, entretanto, acontecia que mesmo quando ele errava a verdade ainda era descoberta. (DOYLE, 2005, p.40)

Percebemos que existiam êxitos, casos de resolução impossível e casos que se resolviam à revelia dos seus esforços. “A face amarela” encaixa-se neste terceiro grupo. O conto começa com um raro passeio de Holmes e Watson pelas ruas de Londres. No retorno à Baker Street, Holmes se aborrece ao saber que um cliente muito aflito o havia aguardado por trinta minutos e, não tendo suportado a espera em local fechado, saíra para a rua com a promessa de retornar em breve. Enquanto aguardavam seu retorno, Holmes intuiu várias características do cliente a partir do cachimbo esquecido sobre a mesa. Utilizou-se de raciocínio lógico ao analisar o objeto e apresentar conjecturas sobre seu tipo físico, hábitos e poder aquisitivo. Tais características foram confirmadas assim que o cliente retornou ao escritório, para maravilhamento de Watson.

Tratava-se do um jovem recém-casado, de nome Grant Munro, morador do distrito de Norbury, que possuía dúvidas sobre a integridade da esposa e solicitava os serviços do detetive. Holmes pede que ele conte detalhadamente os fatos que o levaram a desconfiar do comportamento da esposa.

Effie, a esposa de Grant, era viúva de um advogado dos Estados Unidos o qual faleceu, juntamente com o filho do casal, durante um surto de febre amarela. Ela havia, então, se mudado para Inglaterra, onde conheceu Grant e se casaram em poucos meses. Effie, que havia confiado sua herança do casamento anterior ao atual marido, pediu a ele cem libras e recusou-se a explicar o destino do dinheiro. Poucos meses após esse fato, um chalé vizinho à casa do casal foi ocupado por moradores misteriosos que despertaram o interesse de Grant. Ao avizinhar-se do chalé, ele foi surpreendido por uma visão que o deixou muito perturbado.

Não sei o que havia com aquele rosto, sr. Holmes, mas ao vê-lo um arrepio desceu-me pelas costas. Eu estava um pouco afastado, de forma que não podia

determinar seus traços, mas havia algo de sobrenatural e inumano naquele rosto. Essa foi a impressão que tive, e rapidamente me aproximei, para enxergar melhor a pessoa que estava me olhando. Mas assim que me movi, o rosto subitamente desapareceu. Tão subitamente quanto se tivesse sido arrancado para a escuridão do quarto. Fiquei estático por cinco minutos, refletindo sobre o ocorrido e tentando analisar minhas impressões. Eu não poderia dizer se o rosto era de um homem ou de uma mulher. Ele estava muito longe de mim. Era de um branco lívido como giz, com uma rigidez que o tornava chocante a artificial. (DOYLE, 2005 p. 48)

Grant tenta se comunicar com os vizinhos, mas é atendido com rispidez e nada consegue descobrir. Certa madrugada, ele vê a esposa levantar-se sorrateiramente da cama. Ao retornar, após algum tempo, Grant indaga-lhe sobre sua ausência, para grande susto da mulher que pensava não ter sido vista. Ela responde que necessitava de ar puro, o que o deixa intrigado. Ao retornar, certo dia, mais cedo de um trabalho na cidade, Grant surpreende a esposa saindo do chalé dos novos vizinhos. Ao cobrar uma explicação, a esposa implora para que ele não intervenha e confie nela. O marido decide confiar, mas a proíbe de ir à casa dos vizinhos, no que é desobedecido. Ao constatar a traição, Grant invade a casa vizinha, mas não encontra os habitantes, apenas uma foto de sua esposa sobre um móvel do quarto principal. Bastante confuso com toda a situação e sem conseguir descobrir algo sozinho, Grant procura Holmes.

O relato do cliente desperta grande interesse em Holmes. Principalmente, a descrição da face vista da janela.

- Diga-me — falou ele por fim —, o senhor poderia jurar que era a face de um homem aquela que o senhor viu na janela?
- Sempre que a vi, eu estava a uma certa distância, de forma que não posso dizer com certeza.
- O senhor parece, entretanto, ter sido desagradavelmente impressionado por ela.
- Ela tinha uma cor sobrenatural e uma estranha rigidez de traços. Quando me aproximava, ela desaparecia imediatamente.
- Quanto tempo faz que sua esposa lhe pediu cem libras?
- Cerca de dois meses.
- O senhor já viu alguma fotografia do primeiro marido dela?
- Não, houve um grande incêndio em Atlanta logo depois de sua morte, e todos os documentos dela foram destruídos.
- Mas ela tem uma certidão de óbito. O senhor disse que viu.
- Sim, ela tirou uma segunda via depois do incêndio.
- O senhor já foi apresentado a alguém que a tivesse conhecido na América?
- Não.
- Ela nunca quis voltar para visitar o lugar?
- Não.
- Nem recebeu cartas de lá?
- Não. (DOYLE, 2005, p.56)

Holmes despede o cliente pedindo que avise se os moradores do chalé retornarem. Após a saída do cliente, Holmes estuda o caso e apresenta sua interpretação a Watson:

- Temo que se trate de um caso aborrecido, Watson (...)  
— Sim. Há alguma chantagem envolvida, ou estou muito enganado.  
— E quem é o chantagista?  
— Bem, deve ser a criatura que vive no único quarto confortável do lugar e tem a fotografia dela sobre a lareira. Palavra de honra, Watson, há algo que me encanta naquela face lívida na janela, e por coisa alguma do mundo eu perderia esse caso.  
— Você tem alguma hipótese?  
— Sim, tenho uma provisória. Mas ficarei surpreso se ela não estiver correta. O primeiro marido dessa mulher está naquele chalé. (DOYLE, 2005, p.56)

Watson pondera a possibilidade apresentada por Holmes, ao que Holmes responde reforçando a importância do seu método.

- Acho que são apenas suposições.  
— Mas pelo menos ela dá conta de todos os fatos. Caso viermos a conhecer fatos novos que ela não possa explicar, teremos tempo de reconsiderá-la. (DOYLE, 2005, p.58)

O desfecho do caso mostra que o método dedutivo de Holmes atropelou a verdade. O chalé foi ocupado novamente e o detetive e seu auxiliar foram chamados. Grant invadiria o local tendo Holmes e Watson como testemunhas da revelação do mistério. Após se desvencilhar da esposa e da criada, Grant invadiu o quarto acompanhado das testemunhas. Nele, se depararam com uma criança, que sendo negra, teve o rosto escondido com uma máscara pela mãe, Effie, para que não sofresse racismo. Tratava-se da filha do casamento anterior que não havia morrido de febre amarela como anunciado. Apresentadas as explicações, Grant recobrou-se da surpresa e decidiu acolher a criança em sua família.

Toda a trama desfez-se sozinha, sem seu auxílio e sem depender das conjecturas e da genialidade de Holmes. O detetive retirou-se da cena de forma discreta. E encerrou a caso fazendo a Watson o seguinte pedido:

- Watson — ele disse —, se alguma vez lhe ocorrer que estou ficando muito confiante em minhas forças, ou me dedicando menos a um caso do que ele merece, sussurre gentilmente “Norbury” em meu ouvido, e lhe agradecerei infinitamente. (DOYLE, 2005, p.64)

O conto “A morte e a bússola” foi publicado por Borges no livro *Ficções* em 1944. A narrativa inicia-se de forma bastante semelhante ao conto “A face amarela” de Doyle. Temos um narrador em terceira pessoa que rememora um caso de Erik Lönrot, apresenta a trama em linhas gerais e discute seu desfecho fazendo uma defesa do detetive.

Dos muitos problemas que exercitaram a temerária perspicácia de Lönrot, não houve nenhum tão estranho – tão rigorosamente estranho, diremos – como a periódica série de fatos de sangue que culminaram na chácara de Triste-le-Roy, no meio do interminável cheiro dos eucaliptos. É verdade que Erik Lönrot não conseguiu impedir o último crime, mas é indiscutível que o previu. Também não adivinhou a identidade do infausto assassino de Yarmolinsky, mas sim a secreta morfologia da maldita série e a participação de Red Scharlach, cujo segundo

apodo é Scharlach o Dandy. Este criminoso (como tantos) havia jurado por sua honra a morte de Lönnrot, mas este nunca se deixou intimidar. Lönnrot julgava-se um puro raciocinador, um Auguste Dupin, mas havia nele algo de aventureiro e até de jogador. (BORGES, 1999, p. 66)

Assim como em “A face amarela”, a partir desta introdução, o narrador passa a contar os fatos que levaram ao desfecho apresentado no parágrafo inicial. A narrativa começa apresentando as circunstâncias do primeiro assassinato. A vítima é o delegado de Podolsk ao Terceiro Congresso Talmúdico, o professor Marcelo Yarmolinsky. Ele foi encontrado, no dia posterior à sua hospedagem no Hotel du Nord, 4 de dezembro, morto com uma punhalada no peito.

Nunca saberemos se o Hotel du Nord lhe agradou: aceitou-o com a antiga resignação que lhe tinha permitido tolerar três anos de guerra nos Cárpatos e três mil anos de opressão e de pogroms. Deram-lhe um quarto no piso 1, diante da suíte que não sem esplendor ocupava o Tetrarca da Galileia. (BORGES, 1999, p. 66)

É interessante ver o elemento simbólico presente na narrativa por meio da repetição do número três, além do elemento religioso fortemente presente nas circunstâncias da visita do professor e em seu objeto de estudo.

As observações iniciais do comissário Treviranus, uma figura surpreendentemente perspicaz no conto, levaram a uma conclusão simples para o assassinato. Solução que Lönnrot refuta.

— Não é preciso procurar nenhum bicho de sete cabeças — disse Treviranus, brandindo um imperioso cigarro. — Todos nós sabemos que o Tetrarca da Galileia possui as melhores safiras do mundo. Alguém, para lhes roubar, deve ter entrado aqui por engano. Yarmolinsky levantou-se, e o ladrão teve de matá-lo. O que acha?

— Possível, mas não interessante — respondeu Lönnrot. — Vai replicar-me que a realidade não tem a mínima obrigação de ser interessante. Eu respondo-lhe que a realidade pode prescindir dessa obrigação, mas não as hipóteses. Na que você improvisou, intervêm copiosamente o acaso. Tenho aqui um rabino morto; eu preferiria uma explicação puramente rabínica, não os imaginários percalços de um imaginário ladrão. (BORGES, 1999, p. 66)

A partir desse ponto, Lönnrot empreendeu investigação isoladamente da polícia. Baseando-se nos materiais do professor, livros, objetos, anotações, pistas deixadas pelo assassino, Lönnrot desenvolveu um raciocínio que relacionava o crime a questões religiosas e esotéricas.

Um livro em oitavo maior revelou-lhe os ensinamentos de Israel Baal Shem Tobh, fundador da seita dos Piedosos, outro, as virtudes e terrores do Tetragramaton, que e o inefável Nome de Deus; outro, a tese de que Deus tem um nome oculto, no qual está compendiado (como na esfera de cristal que os persas atribuem a Alexandre da Macedônia) seu nono atributo, a eternidade – isto é, o conhecimento imediato – de todas as coisas que serão, que são e que foram no universo. A tradição enumera noventa e nove nomes de Deus; os hebraístas atribuem esse imperfeito número ao mágico temor às cifras pares; os Hassidim argumentam que esse hiato assinala um centésimo nome – o Nome Absoluto. (BORGES, 1999, p. 67)

Neste ponto, vê-se, segundo Ângelo (2007), mais uma característica de Borges que é referir-se a títulos e autores desconhecidos do público em geral.

Como uma característica da obra de Borges, o conto faz referências a autores e títulos pouco acessíveis ao leitor comum. Poder-se-ia acusar o autor de excesso de cultismo, se essas referências fossem meras citações. A alusão a essas obras esotéricas, entretanto, justifica-se plenamente, uma vez que constitui parte do argumento do conto e a suposta causa dos assassinatos, bem como a ordem em que eles ocorrem, ligam-se diretamente aos princípios esotéricos emanados dos textos. (ANGELO, 2007, p.213)

Em meio ao clima de mistério, religião e esoterismo que envolveu o primeiro assassinato, ocorre uma segunda morte em data bastante emblemática: 3 de janeiro, um mês após a primeira morte, dessa vez, na região Oeste da cidade. Tratava-se de um bandido chamado Daniel Simón Azevedo. Uma mensagem iniciada no primeiro cenário de crime e continuada no segundo cenário indica uma relação entre as mortes e a configuração de assassinatos em série.

O terceiro crime, ocorrido no dia 3 de fevereiro, é descoberto graças a um telefonema feito pela suposta vítima à delegacia de polícia. A vítima, de nome Gryphius ou Ginzberg, promete revelar o mistério dos dois assassinatos, mas a ligação é interrompida. Ao buscar pelo informante, os investigadores dirigem-se à região Leste da cidade e colhem depoimentos de testemunhas que afirmam que Gryphius foi levado por um grupo estranho de amigos. Ao estudar a cena do sequestro, Lönnrot conclui se tratar da mesma sequência de assassinatos. As inúmeras pistas que apontam para a trilogia convencem o detetive de que suas suposições estavam corretas. O corpo da vítima, porém, não foi localizado.

Treviranus levanta a hipótese de que esse crime não seja real. Mas convicto, Lönnrot refuta:

— E se a história desta noite fosse um simulacro?  
Erik Lönnrot sorriu e leu-lhe com toda gravidade uma passagem (que estava sublinhada) da dissertação trigésima terceira do Philologus: “Dies Judaeorum incipit a soles occasu usque ad soles occasum diei sequentes”. Isto quer dizer — acrescentou — “O dia hebreu começa ao anoitecer e dura até o anoitecer seguinte”.  
O outro esboçou uma ironia.  
— Esse dado é o mais valioso que o senhor recolheu esta noite?  
— Não. Mais valiosa é uma palavra que disse Ginzberg. (BORGES, 1999, p. 67)

Pouco tempo após o terceiro crime, a polícia recebeu uma carta, assinada por Baruch Spinoza, que continha um mapa no qual estava assinalado um triângulo tendo nos vértices as três cenas dos crimes. O autor da carta afirmava que não ocorreria outro assassinato porque a trilogia estava completa. Lönnrot não se deixou convencer. Analisando o mapa e considerando todas as provas, os cenários, os símbolos, as mensagens, e as pistas deixadas pelo assassino, Lönnrot conclui que haveria um quarto assassinato.

Erik Lönnrot estudou-as. Os três lugares, de fato, eram equidistantes. Simetria no tempo (3 de dezembro, 3 de janeiro, 3 de fevereiro); simetria no espaço, também... Sentiu, de repente, que estava por decifrar o mistério. Um compasso e uma bússola completaram essa repentina intuição. Sorriu, pronunciou a palavra Tetragrámaton (de aquisição recente) e telefonou ao comissário. Disse-lhe:

— Obrigado por esse triângulo equilátero que o senhor, à noite passada, me remeteu. Permitiu-me resolver o problema. Amanhã, sexta-feira, os criminosos estarão na prisão; podemos ficar muito tranquilos.

— Então, não planejam um quarto crime?

— Exatamente porque planejam um quarto crime, podemos ficar muito tranquilos.” (BORGES, 1999, p. 70)

A partir da posição dos três assassinatos no mapa, Lönnrot supôs o local do quarto assassinato e rumou-se ao cenário do próximo do crime a fim de surpreender o assassino, convicto de que logo tudo se resolveria. A falha do detetive ocorreu em não se preocupar com a identidade da próxima vítima.

Lönnrot sorriu ao pensar que o mais afamado – Red Scharlach – teria oferecido qualquer coisa para saber dessa clandestina visita. Azevedo foi companheiro de Scharlach; Lönnrot considerou a remota possibilidade de que a quarta vítima fosse Scharlach. Depois a descartou... Virtualmente, havia decifrado o problema; as simples circunstâncias, a realidade (nomes, prisões, rostos, trâmites judiciais e carcerários), apenas agora lhe interessavam. Desejava passear, desejava descansar de três meses de sedentária investigação. Refletiu que a explicação dos crimes estava num triângulo anônimo e numa poeirenta palavra grega. O mistério quase lhe pareceu cristalino; envergonhou-se de ter-lhe dedicado cem dias. (BORGES, 1999, p. 70)

Ao chegar à Triste-le-Roy, Lönnrot é capturado pelos capangas de Scharlach, que revela toda trama e sua motivação ao detetive antes de assassiná-lo. Vingança pela morte do irmão era o motivo de Scharlach. A partir das próprias conjecturas de Lönnrot, o bandido construiu o labirinto que levava àquele desfecho.

Nessas noites jurei pelo deus que vê com duas caras e por todos os deuses da febre e dos espelhos tecer um labirinto em torno do homem que tinha aprisionado meu irmão. Tramei-o e é firme: os materiais são um heresiólogo morto, uma bússola, uma seita do século XVIII, uma palavra grega, um punhal, os losangos de uma loja de tintas. (BORGES, 1999, p. 71)

Scharlach apresenta, como se fosse um detetive apresentando a solução de um mistério, toda a sequência de fatos que levaram ao encontro com Lönnrot em Triste-le-Roy. Um primeiro assassinato fortuito, seguido de uma série de acontecimentos planejados, genialmente utilizados pelo bandido para conduzir o detetive pela trama que culminaria na chacara e em sua morte.

Lönnrot, na iminência de morrer, para ter a palavra final sobre seu arqui-inimigo, propõe a ele um formato diferente de jogo no qual sua morte seria mais engenhosa.

— Em seu labirinto sobram três linhas a mais — disse por fim. — Eu sei de um labirinto grego que é uma linha única, reta. Nessa linha perderam-se tantos filósofos que bem pode perder-se um mero detetive. Scharlach, quando em outro avatar você me der caça, finja (ou cometa) um crime em A, depois um segundo crime em B, a 8 quilômetros de A, depois um terceiro crime em C, a 4 quilômetros de A e de B, no meio do caminho entre os dois. Aguarde-me depois em D, a 2 quilômetros de A e de C, de novo no meio do caminho. Mate-me em D, como agora vai matar-me em Triste-le-Roy. (BORGES, 1999, p. 72)

Scharlach promete cumprir o combinado, em uma próxima vez, e tira a vida de Lönnrot.

### **Holmes e Lönnrot lado a lado:**

Podemos notar várias semelhanças entre Holmes e Lönnrot nos contos analisados, principalmente na forma como se comportam e como conduzem as investigações. Ambos encaixam-se na descrição do detetive tradicional de Dupin, ou seja, são máquinas de raciocinar. Ambos parecem infalíveis, inatingíveis e intelectualmente acima das demais personagens da trama. Ambos parecem apaixonados pelo mistério a ponto não reconhecerem as pistas mais simples que entregariam, à primeira análise, a solução do caso. Ambos são autoconfiantes e determinados.

No caso de Holmes, o excesso de autoconfiança nas suas próprias inferências fez com que imaginasse um cenário complexo para um caso que se revelou bastante simples. “A face amarela” não passava de uma máscara, que Effie utilizou para ocultar a identidade da filha. Não havia chantagem ou ex-marido ressurgido dos mortos, conforme o detetive imaginou. O desfecho do caso, sua não contribuição, foi motivo de vergonha e de aprendizado para Holmes. Conforme, constatamos no pedido feito a Watson. A falha de Holmes é causada pelo seu próprio caráter, seu excesso de confiança nos próprios métodos. Sua falha, porém, não traz consequências pessoais mais sérias ou altera a narrativa tradicional, apenas serve-lhe de lição para trabalhos futuros.

O conto de Doyle segue à risca a fórmula tradicional do romance policial e cumpre alguns dos requisitos de Borges, não obstante o desfecho atípico. Nele, temos preservada a figura do detetive tradicional, do assistente narrador, um sujeito menos perspicaz do que o detetive, e das personagens secundárias da trama. A figura do bandido existe somente nas conjecturas de Holmes. O papel de polícia é feito pelo próprio Grant. O conto encaixa-se no formato tradicional do gênero, principalmente porque há o desenvolvimento de um raciocínio lógico.

O excesso de confiança de Lönnrot nos próprios métodos, por outro lado, é fator fundamental para o desfecho do caso em “A morte e a bússola”, uma vez que Scharlach

utiliza-se desta falha de caráter do detetive para trazê-lo para uma armadilha. O conto de Borges, à primeira vista, parece manter as características do conto policial. Contudo, percebemos em vários pontos como o gênero é revisto, ampliado e, de certa forma, criticado, o que leva a sua desconstrução.

As personagens envolvidas, ao contrário do conto de Doyle, apresentam características diversas. Treviranus, o comissário, é um sujeito perspicaz e prático, compreende rapidamente a natureza do crime inicial e desconfia do terceiro crime. Os comissários dos contos de Doyle e dos contos tradicionais, por outro lado, precisam fortemente da figura do detetive e têm dificuldade para acompanhar o raciocínio complexo deste. O arqui-inimigo de Lönnrot subjuga o detetive com sua inteligência. Os inimigos de Holmes, a exceção do professor Moriarty, são figuras menos inteligentes, sendo algumas vezes toscas e animaléscas.

O apego de Lönnrot aos livros e a elementos esotéricos para resolução do mistério é objeto de troça pelo comissário e, de certa forma, também pelo narrador que tece pequenos comentários irônicos ao longo da narrativa que mostram o quão superficiais são estas fontes.

**Dessa erudição** distraiu-o, dias depois, o aparecimento do redator da Yidische Zaitung. Este queria falar do assassinato; Lönnrot preferiu falar dos diversos nomes de Deus; o jornalista declarou em três colunas que o investigador Erik Lönnrot tinha-se **dedicado a estudar os nomes de Deus para dar com o nome do assassino**. Lönnrot, habituado às simplificações do jornalismo, não se indignou. **Um desses vendedores de livros que descobriram que qualquer homem se resigna a comprar qualquer livro publicou uma edição popular da história da Seita dos Hassidim**. (BORGES, 1999, p. 67)

Erik Lönnrot estudou-as. Os três lugares, de fato, eram equidistantes. Simetria no tempo (3 de dezembro, 3 de janeiro, 3 de fevereiro); simetria no espaço, também... Sentiu, de repente, que estava por decifrar o mistério. Um compasso e uma bússola completaram essa **repentina intuição**. Sorriu, pronunciou a palavra Tetragrámaton (**de aquisição recente**) e telefonou ao comissário. (BORGES, 1999, p. 69, grifo nosso)

Os trechos assinalados podem ser vistos como ironias do narrador a respeito do conhecimento que ajudaria na resolução dos crimes. Elementos valorizados por Lönnrot que contribuíram para sua ruína.

Apesar de manter o estilo e as personagens da narrativa policial tradicional, podemos perceber que esses elementos são utilizados por Borges de forma totalmente inovadora e imprimem significados diversos na construção da narrativa e o resultado é um texto heterodoxo e original.

### Considerações finais:

A distância entre os textos analisados é de 50 anos. Podemos considerar que o romance policial é revisto por Borges, que apresenta a sua versão, repleta dos elementos únicos que

compõem a sua literatura. Não obstante, a desconstrução do gênero, podemos considerar que sua abordagem não trai o romance policial, pelo contrário, o exalta, uma vez que mantém seu elemento mais importante que é o jogo de raciocínio. Conforme, afirma AIMEÉ (2013)

No conto “A morte e a bússola”, o autor oferece um belo modelo de jogo narrativo. O texto pode ser considerado uma subversão da narrativa policial, uma vez que infringe muitas das regras clássicas do gênero. Apesar das transgressões que empreende, Borges consegue extrair o melhor desse tipo de narrativa: a oportunidade de desenvolver um jogo de raciocínio. (AIMEÉ, 2013, s.p.)

Se considerarmos a declarações que o escritor faz em textos teóricos sobre o gênero, podemos enxergar sua escrita de um conto policial como uma bem sucedida homenagem. Uma tentativa de resgatar o gênero que vinha sendo substituído na preferência dos leitores pelo romance *noir*. Conforme podemos depreender desta declaração feita em O conto policial.

A origem intelectual da narrativa policial tem sido esquecida. Ela se mantém na Inglaterra, onde ainda se escrevem romances muito tranquilos e onde a história transcorre em uma aldeia inglesa, aí tudo é intelectual, tudo é tranquilo, não há violência, não há grandes derramamentos de sangue. (BORGES, 1999, p. 229)

Neste texto, Borges faz uma apresentação do romance policial desde seu início com Edgar Allan Poe, passando por seus principais autores, aponta o que considera suas principais características e finaliza defendendo sua importância como elemento organizador do caos a que a literatura se submetia naquele momento. Cito Borges novamente:

Que poderíamos dizer como apologia ao gênero policial? Há algo por demais evidente e correto: nossa literatura tende ao caótico. (...) Nesta nossa época, tão caótica, há algo que humildemente tem mantido as virtudes clássicas: o conto policial. Pois não há como entender um conto policial sem princípio, sem meio e sem fim. (...) Eu diria, em defesa do romance policial, que ele não precisa de defesa; lido, agora, com um certo desdém, está, contudo, salvando a ordem em uma época de desordem. Esta é uma prova de que devemos ser-lhe gratos e de que tem méritos. (BORGES, 1999, p. 230)

Sua construção teórica acerca do gênero, bem como sua produção ficcional fazem, a meu ver, parte deste projeto de valorização de gênero empreendido pelo escritor. Trabalho de valorização que contribuiu fortemente para que o gênero fosse mais bem aceito em meio acadêmicos. Conformem destaca Ângelo (2007):

Na verdade, a contribuição de Jorge Luis Borges à ficção policial vai mais além: ao se dedicar a um gênero considerado “menor” (hoje menos do que ontem), que despertava pouca atenção da crítica do ponto de vista da estrita literariedade, o escritor como que concorre para sua legitimação, oportunizando estudos mais abrangentes do texto policial, sob uma perspectiva menos preconceituosa. (ANGELO, 2007, p.217)

A atitude de Borges atraiu a atenção da academia para o gênero, o que possibilitou trabalhos como este. Neste ensaio, me propus, de forma bastante simples, a refletir sobre como as narrativas de Borges e Doyle estão relacionadas, a partir de dois contos escolhidos, que possuíam em comum a falha dos detetives. As análises demonstraram que Doyle mantém a tradição do conto policial, mesmo apresentando uma falha do protagonista. Já Borges subverte esta tradição apresentando uma narrativa repleta do seu estilo de escrita como forma de revalorizar o gênero. Para os interessados, como desdobramentos desta análise, sugiro o estudo de outros contos de Borges em comparação a outras obras clássicas do romance policial, o estudo do poema que Borges escreveu sobre a personagem Sherlock Holmes e o estudo mais aprofundado dos textos teóricos do escritor argentino sobre esse assunto.

**CUANDO FALLA LA GENIALIDAD:  
UN INTENTO DE ACERCARSE ENTRE LOS PERSONAJES LÖNNROT Y HOLMES  
POR JORGE LUÍS BORGES Y ARTUR CONAN DOYLE**

**RESUMEN:** En este ensayo investigo la relación entre Jorge Luís Borges y Arthur Conan Doyle a partir de los personajes Erik Lönnrot y Sherlock Holmes de los cuentos “La muerte y la brújula” y “La cara amarilla”. Estos textos se destacan porque los fracasos cometidos por los protagonistas produjeron desenlaces más allá de lo tradicional en las narrativas policíacas. Comenzamos hablando de la novela policíaca e introduciendo a cada autor, luego analizamos las historias seleccionadas, para finalmente analizar los puntos de aproximación / distancia entre estos textos y entre las obras de los autores. Concluimos que Doyle mantiene la tradición y que Borges recupera la narrativa policíaca tradicional y la trasciende, como forma de homenaje y apreciación del género.

**PALABRAS CLAVE:** Borges; Doyle; Narrativa; Policía

## REFERÊNCIAS

- AIMÉE, Aline. A Morte e a Bússola: Subversão e Raciocínio nas Armadilhas Borgianas. *Revista Zunái*, ano IX, edição XXVI, março de 2013. Disponível em: [http://www.revistazunai.com/ensaios/aline\\_aimée\\_amorteeabussola.htm](http://www.revistazunai.com/ensaios/aline_aimée_amorteeabussola.htm)
- ANGELO, Andrea. O conto policial de JLB: cânone e marginalidade. *Revista Gragoatá Niterói*, n. 22, p. 207-220, 1. set. 2007. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/gragoata/article/view/33202>
- BORGES, Jorge Luis. A morte e a bússola. In: BORGES, Jorge Luis, 1899-1986. *Obras completas de Jorge Luis Borges*\_ volume 1 – São Paulo: Globo, 1999.
- \_\_\_\_\_. O conto policial. Trad. Maria Rosinda Ramos da Silva. In: BORGES, *Jorge Luis Borges*: Obras completas IV. Vários tradutores. São Paulo: Globo, 1999. p. 220-230.
- DOYLE, Arthur Conan. A face amarela. In: Doyle, Sir Arthur Conan, 1859-1930. *Memórias de Sherlock Holmes*. Porto Alegre: LP&M, 2005.
- HEINECK, Marjani Ziani. “Você vê, mas não observa”: Como a criminologia do século XIX inspirou as histórias de Sherlock Holmes, de Sir Arthur Conan Doyle. 2016. 53f. Monografia (Graduação em História). UFRGS, Porto Alegre, 2016. Disponível em: <https://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/157014>

NETO, Jarbas de Mesquita. *O Homem que Criou Sherlock Holmes Arthur Conan Doyle entre as Ciências e a Literatura*. In: Congresso Scientiarium História, 2016, Rio de Janeiro. Disponível em: <http://www.hcte.ufrj.br/downloads/sh/sh9/SH/trabalhos%20orais%20completos/O-HOMEM-QUE-CRIOU.pdf>

REIMÃO, Sandra Lúcia. *O que é romance policial*. São Paulo: Editora Brasilense, 1983. Disponível em: <http://livroseoutrasmídias.org/papers/o-que-e-romance-policial.pdf>

*Recebido em: 26/11/2020.*

*Aprovado em: 01/06/2021.*